



A função Tradutora e o Quantum Intelecto-Emoção*

Ignacio Matte-Blanco

* Publicado originalmente em "*Matte-Blanco, Ignacio. The Unconscious as Infinite Sets. Londres: Duckworth, 1975*". Tradução e publicação autorizada por Luciana Bon de Matte.

Revista de Psicanálise, Vol. X, Nº 1, abril 2003 □ 101





Introdução

Agora que a questão das emoções básicas vista como conjuntos infinitos foi considerada, podemos voltar nossa atenção para o estudo das assim chamadas ‘emoções domadas’. Imediatamente percebe-se que este problema se assemelha a um cruzamento, onde muitos aspectos diferentes do conceito de emoção se encontram. De fato, considerar este problema implica em considerar a questão da relação entre pensamento e emoção, da possibilidade de medir a emoção e a relação entre consciência e o modo de ser simétrico.

Aparentemente, a melhor forma de abordar esta difícil problemática é iniciar com um exemplo clínico.

1. Um exemplo clínico

O fato de que havia concordado em entregar um certo artigo em uma determinada data e esta data estava se aproximando, estando eu longe de completar o artigo, forçou-me a interromper meu trabalho clínico por dez dias. Quando um dos meus analisandos voltou para a sua primeira sessão depois do período de interrupção, começou a falar sobre o Papa. Criticou o Papa por uma recente carta sua, na qual se referia aos comunistas. O Papa, o paciente explicou, havia condenado os comunistas. Havia feito uma distinção entre aqueles que tinham sido iludidos pelos comunistas e, conseqüentemente, haviam se identificado com eles, e os que eram comunistas convictos, ou seja, aqueles que adotavam uma posição teórica como comunistas. Estes foram condenados pelo Papa. O paciente era um comunista convicto e, portanto, sentiu-se incluído entre aqueles que foram condenados. Prosseguiu comentando que o Papa foi irresponsável e delinqüente ao fazer tal pronunciamento.

Além disso, o paciente tinha se dado conta de que as nossas sessões analíticas não significavam nada para ele em um sentido profundo, mas, ao contrário, davam a ele a oportunidade de ter alguém para falar sobre sentimentos e problemas pessoais. Sentia-se só e falar comigo aliviava sua solidão. Então, continuou dizendo que, em uma determinada tarde, ele deveria ir a um seminário na Universidade, mas sentiu que seria muito aborrecido. Então, em vez disso, decidiu ir a um show de strip-tease. Em um certo momento do show, duas mulheres começaram a despir-se e manter contato sexual. O paciente considerou o ato muito obsceno e saiu.

Também declarou que, durante o período de interrupção das sessões, havia permitido que sua esposa o mimasse, e ela havia sido muito carinhosa com ele. Sua





esposa havia comentado que agora tinha mais um filho, ou seja, ele. O próprio paciente sentia como se sua esposa fosse de fato sua mãe.

Neste ponto fiz uma interpretação. O Papa irresponsável e delinqüente era eu mesmo, que havia banido ou separado os comunistas da sua companhia, os quais representavam o paciente (pois ele realmente era um comunista). Quando não foi à Universidade para um seminário e, em vez disso, foi a um show de strip-tease, tinha ao mesmo tempo me rejeitado no papel formal de um professor universitário e havia buscado me conhecer como uma mãe na intimidade da nudez. Neste momento, lembrou-se de que, em uma certa ocasião, quando ainda era criança, havia espiado sua mãe enquanto ela se despia e tinha se sentido muito culpado com isso.

Com relação à obscenidade das duas mulheres em contato íntimo com seus corpos nus, sugeri que isso provavelmente havia evocado um insuportável sentimento que o paciente deveria ter sentido quando sua mãe deu à luz e amamentou sua irmã. Como ele sabia que eu havia interrompido as sessões porque tinha de terminar alguns artigos, ele havia tomado isso como uma gravidez simbólica, como o dar à luz um filho e desfrutar da intimidade com meu próprio filho, enquanto que, ao mesmo tempo, o excluía de tudo. Tudo isso correspondendo à experiência do nascimento da irmã do paciente.

Uma análise lógica deste caso. Agora podemos tentar avaliar a situação de forma a obter uma perspectiva útil para nosso estudo. Primeiramente, é óbvio que o jovem havia reagido à interrupção das sessões com um profundo sentimento de rejeição. Esse sentimento o levou a ver de maneira obscura todas as situações que tiveram lugar durante a interrupção. Devo acrescentar que não relatei todas as associações do paciente e que houve outras associações apontando na mesma direção. Obviamente, sua atitude foi a expressão de uma emoção e vemos nela, de fato, as características típicas do pensamento emocional. O Papa e eu, as duas mulheres fazendo amor em um show de strip-tease e sua mãe dando à luz sua irmã eram todas, de uma certa forma, a mesma coisa para ele: a mãe rejeitante. *'A categoria das mães rejeitantes'*, que ele havia (implicitamente) considerado, era uma categoria muito ampla, tão ampla que, do ponto de vista lógico, não é correto denominá-la assim. Porque eu e o Papa nem mesmo éramos mulheres, e as duas mulheres no show não apresentavam aparência de mães. Do ponto de vista lógico, *'a categoria das mães rejeitantes'* era somente uma subcategoria de uma categoria mais ampla que poderia ser definida como *'a categoria de todos os indivíduos que de alguma forma fazem algo que é uma rejeição ativa ou voltam a atenção para outras coisas que não o indivíduo que a busca'*. O conjunto de todas as mães que se adaptam a esta função proposicional é uma subcategoria dessa categoria. Somente essa subcategoria poderia, precisamente,





ser chamada '*a categoria das mães rejeitantes*'. As mulheres no show poderiam, logicamente, pertencer a outra subcategoria, o Papa a outra e eu mesmo a outra subcategoria dessa categoria ampla. Todavia, emocionalmente, o paciente havia tratado a categoria mais ampla, recentemente definida, como sendo idêntica à '*categoria das mães rejeitantes*', assim como todas as outras subcategorias como sendo idênticas tanto à categoria das mães rejeitantes quanto à categoria mais geral. Além disso, havia tratado o Papa, as mulheres no show e eu (todos os quais eram apenas *elementos* de subcategorias) como idênticos não apenas com relação às subcategorias correspondentes, mas a todas as subcategorias e à categoria geral.

Em outras palavras, o sentimento de ter sido abandonado foi experimentado por ele com relação a todas as pessoas que de certa forma, mesmo da maneira mais indireta, cumpriram a função proposicional que define a categoria ampla. A forma mais correta de descrever o que aconteceu com ele nesse estado emocional seria dizer que os indivíduos, as subcategorias, a categoria geral e a função proposicional que define essa categoria eram todas uma única e mesma coisa. Nenhuma distinção foi feita entre os vários indivíduos e diferentes situações de abandono. Este é um típico caso de identificação do indivíduo com a categoria ou a função proposicional que a define, o que é característico do pensamento simétrico, como é visto na emoção ou em profundas manifestações inconscientes. A qualidade generalizante da simetria é óbvia neste caso.

Ao mesmo tempo, entretanto, os fatos referidos acima são também a expressão de experiências bastante individuais e circunscritas, como é evidente no fato de que o que apareceu na consciência do sujeito não foram as categorias, mas *emoções dirigidas para indivíduos*: o Papa, eu, sua esposa e as mulheres no show. Poder-se-ia dizer que este é um caso de emoção '*domada*'. O paciente estava com raiva do Papa, sentiu-se indiferente com relação a mim e desaprovou as mulheres, mas não estava ciente de que, em um nível mais profundo e simétrico, éramos todos uma única e mesma coisa, algo idêntico à categoria geral. Colocando de outra forma, ele não estava ciente de que, em um nível mais profundo, não havia o Papa, 'eu', 'um casal de mulheres fazendo amor', mas um imenso conjunto que englobava '*o Papa*' – '*eu*', – '*as mulheres fazendo amor*' – '*rejeição*'¹, no qual cada um desses aspectos parciais impregnava, por assim dizer, todos os outros e o todo impregnava cada uma das partes. O paciente também não estava ciente de que *a descrição recém formulada é um modo externo e assimétrico de compreender – em termos de entidades distintas – uma realidade que não possui partes ou entidades distintas e que, como tal, não pode*

1. Ou 'maternidade-rejeitante'.





penetrar a consciência, a não ser que seja traduzida em entidades distintas, ou seja, entidades separáveis umas das outras, e que o ato lógico de diferenciação de uma entidade da outra pressupõe o uso de relações assimétricas. Ele não estava ciente de tudo isso, porque não estava pensando nas circunstâncias descritas, mas simplesmente sentindo-as.

Acredito que a breve descrição anterior de uma sessão analítica nos dá a oportunidade de discutir vários assuntos inter-relacionados, os quais iremos considerar agora em tópicos separados.

2. Comentário sobre a 'inserção lateral do instinto na mente'

A '*categoria das mães rejeitantes*', no caso mencionado, é somente uma subcategoria de uma categoria mais geral. O Papa pertencia a outra subcategoria, e eu mesmo a outra ainda. A partir de um ponto de vista rigorosamente lógico, nem o Papa nem eu pertencíamos à categoria das mães rejeitantes. Contudo, não somente nós, mas também a categoria mais geral foi tratada como pertencendo à categoria das mães rejeitantes. Esta é uma situação peculiar que necessita de entendimento adicional. Em primeiro lugar, a não ser que a categoria mais geral fosse levada em consideração, não teria sido possível incluir o Papa e a mim mesmo na categoria das mães rejeitantes, porque nenhum de nós era uma mãe. Assim, *do ponto de vista lógico*, de forma a incluir-nos nessa categoria, foi necessário conceber uma categoria ainda mais geral, à qual nós (ou melhor, nós na medida em que exercemos as funções que nos são atribuídas pelo analisando) pertencíamos como elementos das subcategorias dessa categoria geral. Um vez que essa '*ascensão*' lógica a uma categoria mais geral se completou, a aplicação do princípio de simetria permitiu as várias equivalências ou identificações mencionadas acima. É necessário salientar, mais uma vez, que esta é uma maneira lógica de se considerar a realidade, a qual em si própria não é divisível em tantas etapas, mas *ocorre toda de uma só vez*.

As considerações acima, entretanto, não são suficientes para explicar a preferência dada, nos sentimentos do paciente, para a categoria das mães rejeitantes, a qual, em restrita '*lógica simétrica*', deveria estar no mesmo plano de quaisquer outras subcategorias ou da categoria geral. Essa preferência é testemunha do fato de que alguma assimetria havia se infiltrado durante a aplicação do princípio de simetria, neste caso particular. A explicação para esse fato encontra-se na realidade psicobiológica. O paciente não era um lógico executando jogos sutis, mas uma pessoa *viva*, necessitando de afeição e cuidado, cujas necessidades eram expressas através de sentimento-pensamento. Há duas observações relevantes a serem feitas aqui. Primeiro,





Ignacio Matte-Blanco

que o paciente desejava ou esperava algo de mim e do Papa²; ambos éramos, neste sentido, fontes potenciais de satisfação de desejos instintivos. Os desejos referentes a nós, da mesma forma, não se referiam *diretamente* a necessidades primitivas, mas a manifestações mais elaboradas ou disfarçadas de tais necessidades. O paciente desejou, por exemplo (entre outras coisas), ser compreendido e aprovado intelectualmente por mim e pelo Papa.

A segunda observação refere-se ao fato de que, como anteriormente visto, tais desejos tinham algo em comum com outros desejos, os quais eram mais *diretamente biológicos* e também cronologicamente anteriores: aqueles referentes ao cuidado e afeição dados a ele por sua mãe quando era pequeno. É esta interação entre necessidades biológicas e satisfação que podemos considerar como sendo uma situação instintiva *básica*, e é este tipo de situação que desfruta do privilégio da primazia sobre todos os outros, nos quais as necessidades e desejos estão em um plano simbólico menos diretamente biológico. Como já foi reconhecido no Capítulo 10, o conceito de instinto, um conceito biológico, envolve assimetria, pois não é possível satisfazer a fome com comida simbólica (tal como leitura), mas somente com a precisa comida exigida do ponto de vista biológico. Da mesma forma, as atividades mentais conectadas com a direta satisfação das necessidades instintivas deve, necessariamente, distinguir comida de leitura, e isso implica no uso de relações assimétricas. *Os processos biológicos do instinto, entretanto, fazem sua primeira aparição na vida mental em um nível assimétrico, ou seja, em um nível que não é o mais profundo de todos.* Isso é o que tenho chamado ‘a inserção lateral do instinto na vida mental’. Uma vez que os processos instintivos estão presentes na mente na forma de desejos, são tratados de acordo com a natureza da emoção e, assim, são sentidos de uma ‘maneira simétrica’. Isso envolve um nível mais profundo. A primazia da necessidade original, entretanto, persiste por toda a vida, mesmo quando é expressa de maneiras totalmente simbólicas (simétricas). Poderíamos, talvez, relacionar isso ao fenômeno do ‘imprinting’. De qualquer forma, é essa primazia que explica o fato aparentemente peculiar (o qual surpreende ou repele muitos dos ‘não iniciados’) de que os analistas estão sempre falando de situações e órgãos primários (alimentação, seios, pênis, Édipo, etc.). Deve-se acrescentar, entretanto, que por trás de cada situação concreta há um conjunto infinito.

É pertinente mencionar aqui que, em um estudo do desenvolvimento cogniti-

2. Notar-se-á que deixei as duas mulheres do show fora destas reflexões. Isso é feito somente para não dificultar a questão, pois, apesar de que, essencialmente, as mesmas considerações se apliquem no caso delas, algumas observações adicionais teriam de ser feitas, as quais poderiam complicar o raciocínio em detrimento da clareza.





vo, Money-Kyrle (1968. In: *Obra selecionada de Roger Money-Kyrle – Desenvolvimento cognitivo*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1996) faz algumas reflexões interessantes sobre a formação de conceitos. Ele escreve:

“Até onde o nosso conhecimento atual alcança, a primeira pré-concepção inata a operar em um bebê recém-nascido é, presumivelmente, aquela de um seio ou mamilo. Ou melhor (...) de um seio bom e um seio mau. As duas categorias (...) cobrem uma larga escala: numerosos objetos poderiam ser reconhecidos como membros (ou, de acordo com Bion, poderiam combinar com eles). Mas o que quer que seja primeiramente reconhecido como tal – um seio em particular ou uma mamadeira dada de uma forma particular – parece ter o efeito de estreitar a categoria... isso limita os objetos que podem ser reconhecidos como membros àqueles que se assemelham de forma razoavelmente próxima ao objeto original. De qualquer forma, a partir de agora o bebê pode apenas ser satisfeito pelo seio bom que tenha recebido anteriormente e não por uma alternativa que o teria satisfeito se tivesse sido oferecida em primeiro lugar... O processo pode parecer o mesmo que aquele observado comportamentalmente por etologistas e chamado de ‘imprinting’.

Lado a lado com o desenvolvimento de um conceito de seio, ou mais especificamente, de mamilo, podemos supor o desenvolvimento de um conceito de algo que recebe ou envolve o mamilo, ou seja, a boca (...) A partir desses dois conceitos parece que tudo, ou quase tudo, do vasto número de conceitos que empregamos, derivou-se, fundamentalmente, através de processos de divisão e combinação (dissociação e integração)” (op. cit. p.433).

A título de um breve comentário, gostaria de dizer que o conceito de pré-concepção parece ter certa correspondência com a noção do ser simétrico; fazer uma análise comparativa completa de ambos está além do objetivo deste trabalho. Por outro lado, acrescentaria que o processo descrito por Money-Kyrle na última parte da citação, especialmente as observações sobre divisão e combinação de conceitos, corresponde a um processo de tradução do ser simétrico em expressões assimétricas, como anteriormente se considerou, e que será melhor estudado na Seção 4 deste capítulo.

Se retornarmos agora ao caso clínico, acredito que poderemos entender melhor a complexidade da situação. A assimetria introduzida na preferência (implícita) da *‘categoria das mães rejeitantes’* sobre todos os outros elementos e subcategorias da categoria mais ampla e sobre ela própria é conseqüência do papel central primário que os temas básicos do instinto têm na vida mental. A formação da categoria maior,





Ignacio Matte-Blanco

por outro lado, é testemunha do fato de que, partindo de uma simetria relativamente pequena de *apresentação do instinto*, para usar a expressão de Freud, a interação entre os modos de ser simétrico e assimétrico pode chegar a categorias muito maiores e, conseqüentemente, a uma escala muito maior da aplicação do princípio de simetria.

O restante da questão (identificação de indivíduo e da categoria com todas as suas conseqüências) é algo já bastante familiar.

3. Um breve comentário sobre o nível de complexidade lógica da presente abordagem

Em todo este livro temos feito amplo uso dos conceitos de relações simétricas e assimétricas e, agora, no estudo da função tradutora, continuamos a dar atenção preponderante a esses dois conceitos lógicos. Parece natural, entretanto, perguntar qual é a razão para esta preferência. Devo apontar para o fato de que, depois de ter chegado à formulação do princípio de simetria e de ter percebido que tantos aspectos se tornavam compreensíveis com seu auxílio, tenho me perguntado, freqüentemente, por que os conceitos de relações simétricas e assimétricas deveriam estar exclusivamente no centro de todas essas explicações. Há tantos outros conceitos lógicos, os quais, em princípio, poderiam ser importantes na descrição de fenômenos psicológicos. Em particular, a noção lógico-matemática de *operação* parece estar destinada a desempenhar um excepcional papel nesse sentido. O uso desta e de outras noções similares, todavia, está totalmente ao lado da função tradutora e não do ser simétrico.

Apenas recentemente vim a perceber a razão para esta preponderância com grande clareza. Ela simplesmente recai sobre o fato de que o conceito de relação é provavelmente o mais fundamental conceito lógico e parece ser anterior a todos os outros conceitos lógicos não-definidos. Além disso, o próprio conceito de relação envolve aquele da relação assimétrica, de forma que, verdadeiramente, pode-se dizer que toda a lógica inicia a partir desse conceito. Se entendido dessa maneira, como deve ser, não é nada surpreendente que a distinção entre os mundos lógico e alógico seja feita em termos da disponibilidade ou não das relações assimétricas. Este ponto será considerado no Capítulo 28, especialmente nas Seções 1 e 5. Enquanto isso, darei alguns exemplos que mostram por que a abordagem adotada aqui é *básica*, por mais imperfeita que possa ser. Um seio pode ser definido grosseiramente como um órgão que supre a criança de leite: 'um seio é um fornecedor de leite para...'. Esta frase significa, em termos lógicos, que o seio está em uma relação de fornecedor para alguém que recebe. Obviamente, essa relação é assimétrica, pois a criança não está





em uma relação de fornecedor para o seio. ‘O pênis é um órgão que penetra...’ também implica uma relação assimétrica. O conjunto de todos os seios e pênis, e qualquer outro conjunto ou categoria com que lidamos em psicanálise, envolve, em suas definições, uma ou mais relações assimétricas. Estas podem ser mais ou menos óbvias, mas, sem relações assimétricas, o pensamento não acontece. Podemos considerar, como um outro exemplo, a categoria daqueles que são feridos (para usar o exemplo de Whitehead e Russel), definido pela função proposicional ‘x é ferido’. O significado de ferido, se melhor investigado, envolve a relação assimétrica fere-ferido. A categoria das mães (‘x é uma mãe’) envolve várias relações assimétricas (‘dar a vida’, ‘formar dentro do útero’, tendo como conversões ‘receber a vida’, ‘ter se formado...’, etc.). Resumidamente, é impossível considerar a vida mental sem relações assimétricas, e esta é uma das razões pela qual o par assimétrico-simétrico desempenha um papel tão importante na presente abordagem. Parece que devemos, primeiramente, tentar entender a questão fundamental do relacionamento entre relações simétricas e assimétricas na vida mental, antes de prosseguirmos com nossos estudos. Pois nos confrontamos aqui com um fato extraordinário, a saber, que há aspectos centrais no homem que são completamente estranhos para a noção de relações assimétricas³. Esse fato, até onde eu saiba, é único na natureza. E é por esta razão principal que, se desejamos saber algo sobre o ser íntimo do homem, precisamos tentar entender o significado desse fato, sua extensão, suas projeções e tudo que ele envolve.

Podemos agora retornar ao nosso tema.

4. Presença e densidade de, e interações entre, relações simétricas e assimétricas

A partir do caso escolhido como exemplo, é fácil compreender que os modos de ser simétrico e assimétrico estão em complexa e constante interação e que nenhum deles aparece de forma isolada. O fato de que, no caso mencionado, existam categorias, subcategorias e indivíduos indica o uso de relações assimétricas, como é mencionado nas considerações anteriores. Por outro lado, a equalização simétrica aparece, em nosso exemplo, em vários níveis e modos. A categoria ampla, à qual nos referimos acima (‘a categoria de todos os indivíduos que, de alguma forma, fazem algo que é uma ativa rejeição ou voltam a atenção para outras coisas que não o indivíduo que a busca’), é um exemplo de um conjunto infinito de tipo extenso, uma vez

3. Repito novamente, *se vistos de fora*, pois, se considerados internamente, eles não são estranhos apenas para este, mas para *qualquer* conceito lógico. Veja Capítulos 3 e 28.





que é formada pelo agrupamento de indivíduos ou elementos para formar vários conjuntos, cada um dos quais contém, também, um infinito número de elementos. Esses conjuntos, então agregados, formarão, por sua vez, um conjunto maior. A forma emocional de ver um indivíduo em termos de acontecimentos concretos é, ao menos em alguns casos, um exemplo de um intensivo conjunto infinito, pois várias categorias – conjuntos infinitos – são representadas nesse indivíduo. No caso considerado acima, a grande categoria que foi formada é delimitada e distinta de outras categorias, e isso requer a existência de relações assimétricas; mas, *dentro* dessa categoria ou conjunto, o princípio da simetria governa. Se uma categoria é definida por condições muito limitadas e precisas, enquanto é, no entanto, um conjunto infinito, *pode* ter um poder ou um número cardinal menor do que aquele de uma categoria definida por condições mais gerais, as quais podem, por consequência, conter ou ser formadas por um número maior de diferentes subcategorias. Se concebermos atividade mental como a formação (implícita e explícita) de várias funções proposicionais, categorias e relações, então, quanto menores e menos abrangentes as categorias, maior será o número de categorias e também o número de relações assimétricas delimitando-as. Isso porque cada categoria é delimitada por relações assimétricas. Em contraste, quanto maiores e mais abrangentes forem as categorias, menor será o número de categorias, bem como o número de relações assimétricas. Se representarmos a mente através de um volume, por exemplo, o de um cilindro vertical, constataremos que o número de relações assimétricas, a *densidade populacional de relações assimétricas*, aumenta, à medida que nos movemos em direção às partes mais altas do cilindro e diminui, quando nos movemos em direção às partes mais baixas do mesmo. A função que descreveria este estado de coisas seria uma função contínua. Mas, *dentro* de cada categoria, seja ela grande ou pequena, a simetria prepondera, enquanto a assimetria rege as fronteiras da categoria.

Uma emoção *completamente envolvente* de amor circunda, por assim dizer, o indivíduo em uma *atmosfera de amor*. Quando uma pessoa está apaixonada, a pessoa amada é sentida, tanto ele ou ela são sentidos em termos de amor, como uma vasta unidade na qual tudo é adorável e onde os detalhes são experimentados apenas como uma forma de abordar, entrar ou permanecer na atmosfera de amor. A pessoa amada é *sentida*, e esse sentimento pode ser visto como uma categoria ampla com qualidades infinitamente variadas e infinitamente grandiosas. (É claro que isso não impede a coexistência de um julgamento ‘realístico’.) Em outras palavras, o amor é tratado como um extensivo conjunto infinito. O mesmo se aplica a todas as outras emoções básicas completamente envolventes. Para colocar nos termos empregados acima, diríamos que a *densidade* das relações assimétricas é baixa em tais casos.

Se considerarmos agora o caso da reação do paciente ao Papa ou à interrup-





ção, nos deparamos com uma situação completamente contrastante. O paciente criticou o Papa, ou fez julgamentos a meu respeito, não de uma forma na qual os detalhes não têm importância, mas *de uma forma muito precisa*. Os fatos aparecem circunscritos e controlados: ‘emoções domadas’. Cada frase, cada circunstância, foi avaliada, analisada e criticada, tendo sido dadas razões explícitas. Ainda assim, por trás dessa análise extremamente assimétrica, havia uma imensa quantidade de sentimento e, como vimos, havia também um certo número de categorias que foram representadas no indivíduo – o Papa ou eu – as quais *eram* o indivíduo, da mesma forma que o indivíduo era a categoria. Este é um exemplo de intensivos conjuntos infinitos.

É perfeitamente concebível que existam outros casos nos quais uma tal concentração de categorias em um indivíduo não exista: nesses casos, relações assimétricas (o aspecto do pensamento consciente) estão presentes em uma proporção maior ou, expressando de forma alternativa, apresentam uma maior densidade. Continuando com a analogia feita anteriormente, existem regiões (tais como cidades) nas quais a densidade populacional é maior que em outras regiões como, por exemplo, no interior. Todavia, *parece inconcebível que nos seres humanos exista algo como uma experiência de si mesmo e/ou uma atividade mental que seja tanto simétrica quanto assimétrica. A proporção pode variar de uma grande preponderância de assimetria até uma grande preponderância de simetria. As assim chamadas emoções domadas são colocadas em diferentes pontos desta linha de variação, indo de uma maior assimetria para uma maior simetria de acordo com o caso.*

A formulação feita acima é a expressão do relacionamento entre o que pode ser chamado, de certa forma, emoção e pensamento na vida mental. Acredito que, colocando-se nestes termos precisos, se esclarecem os seus respectivos papéis e se dissipa muito da confusão que cerca esta questão⁴. Todavia, é necessário ter em mente que emoção e pensamento, como qualquer manifestação mental humana, já são uma expressão de ambos os modos simétrico e assimétrico, embora em diferentes proporções.

O caso dos produtos da atividade mental. Se tudo que foi mencionado acima se refere a experiências internas, no caso de um produto mental tal como um escrito, deve-se adotar uma visão diferenciada. Um livro texto sobre matemática ou lógica pode ser visto como um ‘documento assimétrico’, uma vez que, mesmo que relações

4. Rapaport (1960, p. 843), citado por Pinchas Noy (1969, p.172), apresenta uma idéia similar quando escreve: “*Todas as formas de pensamento envolvem processos primários e secundários, mas diferem uns dos outros com relação ao tipo de função sintética que envolvem, ou seja, eles diferem no grau de dominância que os processos secundários atingem sobre os processos primários. Nem mesmo o nosso pensamento ordenado está livre dos processos primários*”. As analogias são óbvias. Acredito, todavia, que a concepção dos processos primários já envolve alguma assimetria.





simétricas sejam consideradas, são consideradas de uma forma assimétrica, ou seja, através do estabelecimento das suas diferenças com respeito a outras relações. *São descritas, não vividas.*

Um poema, por outro lado, embora escrito em palavras, pode ter uma estrutura altamente simétrica. Aqui nos deparamos com uma mistura entre assimetria e simetria, da mesma forma que ocorre na vida mental.

Assim sendo, uma certa diferença parece existir entre a vida interna e os seus produtos mentais, no sentido de que a assimetria pode aparecer em um estado puro nos produtos mentais, o que não é o caso da vida interna. É necessário acrescentar, entretanto, que os produtos mentais têm, aparentemente, o poder de provocar reações em diferentes níveis, mas nunca provocam reações puramente ‘simétricas’ ou puramente ‘assimétricas’. Uma demonstração matemática, por exemplo, estimula ‘relações assimétricas’ (ou seja, entendimento), mas também pode provocar alguma emoção. Um bom poema, ao contrário, irá, provavelmente, provocar emoção em maior proporção.

5. Função tradutora, ‘luz’ e ‘escuridão’

(...) pois a propriedade de ser consciente ou não constitui, em última análise, o nosso único farol nas trevas da psicologia profunda (Freud, 1923, p.18).

Uma questão que se repete: há pensamento na emoção? Estas meditações sobre a realidade da vida psíquica, como reveladas pela observação, novamente nos remetem à questão de se é correto falar de pensamento, quando nos referimos à simetria dentro da categoria. Pois estamos acostumados a ver o pensamento como um processo assimétrico, no qual elementos se distinguem uns dos outros, e esse não é o caso, quando apenas relações simétricas são estabelecidas dentro da categoria: em um caso como este, toda a ordem se perde, incluindo as próprias relações simétricas. O pensamento envolve *alguma* relação espaço-temporal, pois é um processo no qual uma porção *segue* a outra (como, por exemplo, em um argumento lógico), e isso implica relações similares àquelas vistas em sucessão ou no tempo. Por outro lado, os vários aspectos de um discurso posicionam-se, um com respeito ao outro, em uma relação *similar* àquela que existe entre objetos materiais no espaço. Neste sentido, podemos dizer que o pensamento é um evento espaço-temporal. No ‘pensamento simétrico’, em contraste, nada disso traz nenhum benefício, uma vez que cada elemento (visto a partir do ponto de vista assimétrico, pois de outra forma não poderia haver elementos) ocupa todo o ‘espaço’ da categoria; nem cada elemento é temporal-





mente distinto dos outros ou da categoria, mesmo de maneira simbólica ou qualquer outra que pudesse ser comparada ao tempo. Tudo isso é tão estranho para o nosso pensamento, que podemos nos sentir tentados a descartar qualquer consideração de similaridade entre pensamento e sentimento.

Um conceito geral englobando pensamento e sentimento. Este seria, definitivamente, um erro, pois, se colocamos de lado as diferenças óbvias, percebemos que há uma similaridade fundamental entre o modo de ser simétrico e assimétrico, o qual poderíamos descrever com o auxílio do conceito de *presença intencional*, proposto na era moderna por Brentano, seguindo Aristóteles, Santo Agostinho e os filósofos escolásticos. Cito (Brentano, 1944, p.102):

*“Todo fenômeno psíquico contém em si mesmo algo como objeto, mas cada fenômeno contém este objeto de uma maneira própria. Na representação, é algo que é representado, no julgamento é algo que é admitido ou rejeitado, no amor é algo que é amado, no ódio é algo que é odiado, no desejo é algo que é desejado, e assim por diante.”**

Em ambos os modos de ser, simétrico e assimétrico, existem, portanto, um contato psíquico com, ou um movimento psíquico em direção a um objeto psíquico. Colocando de maneira simbólica (porque palavras são insuficientes para expressar diretamente), ambos os modos de ser iluminam o objeto, trazem-no de uma obscuridade externa para uma claridade interna, e ambos trazem-no de um frio externo para um calor interno. Enquanto a luz simétrica parece fraca, se comparada à luz assimétrica, o calor assimétrico, em contraste, parece tépido, se comparado ao calor simétrico. Todavia, há em ambos os modos luz e calor, ou seja, lógica e energia.

Podemos, então, concluir que há algo em comum entre pensamento e sentimento e podemos descrever esse algo em comum de maneira aproximada, dizendo que há pensamento no sentimento e sentimento no pensamento⁵. Entretanto, o ‘pensamento’ do sentimento contém o objeto, sentindo-o, quando este ‘sentindo-o’ é considerado pelo pensamento, o objeto assemelha-se a um conjunto infinito contido em sua totalidade pelo sentimento, enquanto no pensamento o objeto aparece como uma entidade limitada. Por trás disso, entretanto, como vimos, esconde-se um conjunto infinito na *experiência* do pensamento, se não no *ato* do pensamento, visto de

* Aristóteles já falava deste habitar psíquico. Em seu tratado *De Anima*, ele afirma que o objeto sentido está, como tal, no sujeito que está sentindo, que o espírito contém imaterialmente o objeto sentido, que o objeto pensado está no intelecto pensante, etc.

5. Veja também Capítulo 21, Seção 4.





Ignacio Matte-Blanco

um ponto de vista externo e objetivo⁶.

A 'luz' e a 'escuridão' do pensamento e do sentimento. É neste ponto que nos deparamos com um dos mais significativos aspectos do relacionamento entre os dois modos de ser.

Sempre que desejamos *estudar* qualquer um dos modos de ser ou sua relação, somos forçados a fazer isso, devido a nossa própria natureza, utilizando-nos de relações assimétricas. De outra forma não nos é possível estudar ou fazer formulações. Isso não significa que não exista a possibilidade de 'contatos simétricos' ou 'fusão simétrica' com os objetos. Estou apenas me referindo ao estudo ou formulação (tal como aquele mencionado acima), o qual, por sua própria natureza, é uma atividade assimétrica, se visto em termos dos seus resultados e não em termos da pessoa que o executa.

Podemos considerar a emoção do amor dirigida a uma determinada pessoa como uma vasta categoria, dentro da qual o princípio da simetria governa. Essa emoção é distinta de outras emoções e isso envolve o uso de relações assimétricas. Para a pessoa que o experimenta, o amor, contanto que seja amor, é sentido fora do espaço e tempo e fora de qualquer particular descrição de detalhes; é a experiência vasta e imensa, sem partes ou aspectos que possam ser distinguidos nela. Isso implica em que a pessoa que ama e a pessoa que é amada não são separadas uma da outra. Visto a partir de um ponto de vista assimétrico, se os detalhes não são distinguíveis, se a falta de distinção chega ao ponto em que os indivíduos não são nem mesmo separados, sendo a categoria e os indivíduos o mesmo, tudo parece uma confusão colossal. Em outras palavras, o amor, entendido a partir de uma posição assimétrica, parece ser algo muito obscuro, porque *'a luz do entendimento'* implica a diferenciação entre vários aspectos: quanto maior a diferenciação, maior a luz. Ainda assim, não se pode, na verdade, dizer que o amor não conhece o seu objeto. A fusão entre o sujeito e o objeto é uma fusão que também é conhecimento: *é a convergência de fusão e conhecimento em uma única e mesma coisa.* Se olharmos para esta questão do ponto de vista de uma comparação com *'a luz do entendimento'*, poderemos dizer que, visto de dentro, o amor (ou qualquer outra emoção básica) não é uma escuridão ou uma luz fraca, ao contrário, é uma luz tão imensamente forte que se torna ofuscante ao ponto de cegar. Deve-se notar, entretanto, que dizer que é *'ofuscante ao ponto de cegar'* é somente uma forma assimétrica de descrever a experiência e não a experiência em si

6. O leitor terá notado que tudo que foi dito nesta subseção faz uso de relações assimétricas e atribui tais relações ao ser simétrico. O resultado não é fiel à realidade. Não há, entretanto, alternativa para este procedimento, como veremos. Um esforço deve ser feito para se ir além desta *descrição* e chegar ao *ser*, no qual o objeto é indistinto do sujeito, embora esteja *lá*. Talvez o conceito de dimensões infinitas resolvesse este impasse (veja também o Capítulo 28).





mesma. É uma forma assimétrica de descrevê-la, porque, no pensamento assimétrico, o excesso de luz impede que os detalhes sejam vistos e, por esta razão, eles se tornam idênticos – pela diferenciação assimétrica entre coisas ou aspectos – à completa escuridão. Em ambos os casos, a assimetria não vê nada. No caso da escuridão, nenhuma relação assimétrica se estabelece. Se alguma relação assimétrica se estabelece, isso implica a presença de alguma luz. Se mais relações se estabelecem, há mais luz e mais entendimento. Mas se o número de relações aumenta cada vez mais, chega-se ao ponto no qual a consciência não pode mais considerá-las todas, mesmo uma de cada vez, pois isso tomaria cada vez mais tempo. Quando um número infinito de relações é dado, a luz é tão forte, e a consciência tão fraca e de vida tão curta, que um número infinito de relações se torna idêntico a relação nenhuma, *levando-se em consideração o funcionamento da consciência.*

Esta linha de raciocínio tem nos levado a considerar *a simetria, dentro da categoria, como um conjunto infinito, se visto a partir do ponto de vista do pensamento assimétrico. E isso também tem nos levado a ver a 'completa simetria' como possuindo uma qualidade inconsciente, pois não pode estar contida na consciência.*

Retornamos agora à luz ofuscante, vista de dentro da categoria, pela pessoa que experimenta uma emoção. Não há partes a serem distinguidas nesta luz, mas, para o ser simétrico, isso não é obstáculo ao conhecimento do sujeito-objeto. Ao contrário, *é o conhecimento perfeito. O conhecimento perfeito é alcançado na emoção, pois o conhecimento e o ser são uma única e a mesma coisa. Não é o conhecimento de um espectador, mas é o conhecimento inerente do ser. Não é escuridão – para o ser simétrico – mas a totalidade da luz. Em contraste com o conhecimento assimétrico, é o conhecimento sem partes.* Visto de dentro, a questão do infinito não é colocada: é a questão do conhecimento-ser da totalidade. Visto de fora, pode ser descrito como um conjunto infinito, mas é um conjunto infinito que *acreditamos* ser formado por elementos discretos. De dentro, o conjunto infinito com o qual lidamos em psicanálise não existe: são *interpretações* do ser simétrico, como propostos na Parte IV. *É a descrição assimétrica do sentimento que é uma realidade indivisível.*

O leitor que é psicanalista terá notado que os esforços feitos no sentido de descrever a inefável realidade da emoção têm-nos trazido para uma experiência diária da psicanálise: *o entendimento emocional.* Espero que tenham contribuído um pouco para o esclarecimento dessa luz ofuscante que é, ao mesmo tempo, completa escuridão, dependendo do ângulo através do qual se olha.





6. Mais um olhar sobre a relação entre o ser simétrico e assimétrico. Uma origem estrutural da dinâmica

Pode-se concluir, a partir das reflexões acima, que, por mais que ser simétrico e assimétrico sejam ‘dados’ juntos e por mais que sejam inseparavelmente ligados um ao outro nas mais variadas formas, permanecem, tanto quanto concerne a suas existências, permanentemente separados. A questão proposta no Capítulo 13 sobre a possibilidade de transições de um para o outro pode apenas ser respondida, até onde podemos ver, de uma maneira distintamente negativa. Vemos manifestações simétricas ou assimétricas na mente humana, mas nunca transições. As inter-relações entre esses dois modos inseparáveis de ser, entretanto, variam grandemente de um caso para o outro. Todavia não iremos considerar este aspecto aqui.

A impossibilidade de o ser simétrico jamais vir a tornar-se assimétrico e vice-versa não diminui o fato de que, com o nosso ser assimétrico (nossa compreensão ou nosso pensamento), estamos constantemente tentando compreender a natureza da simetria. Cada vez que nos empenhamos nesta tarefa, traduzimos simetria em termos de conjuntos (assimétricos) infinitos. A tendência a entender, *a pensar o que é impensável* (ser simétrico), parece ser uma poderosa fonte de atividade mental. Essa atividade pode e deve ser vista em termos da dinâmica dos instintos, pois a tendência epistemofílica é, sem dúvida, uma manifestação do instinto. *Todavia, parece existir outra fonte não-instintiva para a tendência epistemofílica, e esta seria consequência da natureza da estrutura mental do homem.* Tentarei explicar. A existência de categorias nas quais o princípio das regras simétricas é determinado (pode-se dizer, contido) por relações assimétricas cria uma estrutura que é, ao mesmo tempo, a fonte de uma tendência. A atividade proposicional-relacional (ou seja, o ato de pensar) vem a ser constantemente ativada pelo fato de estar cercada por simetria, pois, se as categorias estão separadas por definições assimétricas, dentro das categorias (isto é, se considerarmos, por exemplo, duas categorias vizinhas) a simetria governa. O que nos leva a dizer que o pensamento, no caso em questão, é como uma fina camada de assimetria entre dois grandes volumes de simetria. Todavia, devido a sua própria natureza, a atividade proposicional-relacional tende a *entender*, a expressar as distinções entre elementos, ou seja, a estabelecer relações assimétricas⁷. Confrontado por estes oceanos de simetria, o pensamento humano tenta entendê-los. No esforço para

7. Aqui novamente, a partir de um ângulo diferente, Money-Kyrle chega a uma conclusão parecida. Quando diz (1968) que a categoria de pênis brota da categoria de seios, está, obviamente, se referindo ao processo de introdução de relações assimétricas, o qual, se visto a partir do ponto de vista apresentado aqui, equivale a introduzir assimetria em um conjunto infinito e, dessa forma, extrair dele um outro conjunto infinito: a categoria de pênis.





entender algo que em si próprio está fora do campo (consciente) do entendimento humano, o pensamento expressa o ser simétrico em termos de conjuntos infinitos. Pode-se dizer que é no infinito que tanto a natureza simétrica quanto a natureza assimétrica do homem se encontram. Pois a expressão assimétrica do simétrico, em termos de conjuntos infinitos, vem a ser, de forma um tanto curiosa, a maneira de expressar a unidade indivisível em termos de um número infinito de elementos. Essa expressão pode ser considerada como um limite matemático. É somente no infinito que a simetria e a assimetria coincidem. E este é, eu penso, o real significado da função de tradução ou de revelação.

Aqui há um outro paradoxo. *O conceito de infinito pode ser considerado (ao menos em alguns de seus aspectos) de uma maneira precisa pelo pensamento, mas a nossa natureza assimétrica não pode vivenciá-lo todo de uma vez.* É como se o pensamento pudesse ver infinitas paisagens que se desdobram ante seus olhos, não podendo, contudo, chegar ao infinito no processo de exploração de todas essas paisagens. Então, o ser simétrico pode aparecer em uma cena e *viver* plenamente, sob a luz ofuscante, o que não pode ver em detalhes. Dessa forma, ambos os aspectos do nosso ser complementam-se inteiramente, sem, entretanto, jamais nos deixar satisfeitos. Esta parece ser uma característica essencial da natureza do homem que tem sido conhecida por poetas e místicos desde tempos imemoriais:

*Inútil la fiebre que aviva tu paso
No hay nada que pueda saciar tu ansiedad
Por mucho que bebas: el alma es un vaso
Que solo se llena con eternidad⁸*

Amado Nervo

O 'derramar' da emoção no pensamento ou a 'extração' do pensamento da emoção. A partir desta situação segue-se mais uma consequência: a exploração do ser simétrico pela atividade assimétrica provê esta última com uma inexaurível (infinita) fonte de conhecimento. É aqui que um dos sentidos etimológicos da palavra inteligência pode ser aplicado: *intellegere*, ler dentro. Toda a atividade artística é o resultado de uma leitura interna do ser simétrico e, assim é o conhecimento psicológico e o matemático. O inconsciente é inexaurível e a função tradutora é, na melhor das hipóteses, o começo de uma tarefa que somente terminará na revelação do espaço-tempo.

8. *Inútil a febre que apressa o teu passo/ Não há nada que possa saciar a tua ansiedade/ Por mais que bebas: a alma é um vaso/ Que só se completa com eternidade.*





Este processo pode ser descrito como a extração contínua pelo pensamento assimétrico das infinitas possibilidades do ser simétrico. Por outro lado, poderia ser visto ainda como um derramamento⁹ (simbólico) do ser simétrico no ser assimétrico. Qualquer das duas expressões que escolhamos usar, o fato é que ambos os modos de ser permanecem para sempre distintos um do outro, embora muito do ser simétrico esteja *refletido* no ser assimétrico. Esta situação pode ser comparada àquela existente na produção da corrente induzida: ambas as bobinas nunca tocam uma a outra, ainda assim, a corrente induzida é produzida como o resultado de uma ação da corrente direta. *A 'situação de indução' é uma característica essencial da estrutura da mente humana.*

7. Vários aspectos do trabalho da tradução como vistos no exemplo clínico

Um jovem casa-se durante sua análise. Várias semanas depois, em uma de suas sessões, ele começa a falar sobre a atitude tomada por seus colegas de trabalho com relação ao presente de casamento que receberia deles. Uma coleta de dinheiro havia sido feita e o grupo decidiu que a melhor alternativa seria dar-lhe o dinheiro, assim poderia fazer o que quisesse com ele. Algum tempo depois, após retornar de sua lua-de-mel, a pessoa encarregada de coletar o dinheiro lhe disse que algumas pessoas ainda não haviam feito a sua contribuição e acrescentou que, tão logo a soma estivesse completa, ele receberia o dinheiro. Algumas semanas se passaram e nada aconteceu. Ele começou a sentir que seus colegas haviam agido com falta de consideração e comentou que a contribuição individual para o presente (conforme o combinado) fora bastante baixa. Por outro lado, algumas pessoas haviam lhe dado um presente pessoal, separadamente do grupo. Embora outras, que mantinham um relacionamento mais íntimo com ele, houvessem, ao contrário, se contentado apenas com a sua contribuição para o presente em comum. Isso o magoou.

Pensando e repensando esses fatos, o paciente chegou à conclusão que, se mais alguns dias se passassem e o presente não lhe fosse entregue, iria rejeitá-lo. Dessa forma, sentiu que mostraria aos colegas como se sentia.

A livre associação sobre a questão forneceu mais alguns detalhes que me permitiram fazer os seguintes comentários. O paciente sentira que o comportamento do grupo como um todo, da forma descrita acima, indicava que a atitude deles em relação a ele não fora amigável, mas, ao contrário, fora de rejeição. Isso seria o resultado

9. Veja, a este respeito, Seção 10 deste capítulo.





de ele ter, de várias formas, se afirmado perante os outros e ter buscado atingir uma posição de prestígio. A rejeição significava, neste contexto, a retirada de amor e a desaprovação implícita de sua auto-afirmação, a qual fora percebida como má e agressiva. Como uma conseqüência do seu comportamento, a demora na coleta e o que ele percebeu como sendo uma quantia pequena dada por cada um dos seus companheiros foi a expressão dos sentimentos de hostilidade e total isolamento de si próprio dos seus colegas. Isso trouxe à tona intensos sentimentos de abandono e culpa. Sentiu como se sua solidão fosse idêntica à perda de todo o direito de existência, de fato, à não-existência, e que os sentimentos de culpa, *deliberadamente* provocados por seus companheiros, significavam uma tentativa, por parte deles, de fazê-lo sentir como se ele fosse completamente mau, um somatório de maldade e agressão.

Acrescentei que, devido ao fato de ele estar sendo a vítima de tão violentas emoções, tinha sido incapaz de considerar outras alternativas, as quais poderiam explicar o comportamento para com ele. Poderia ser, por exemplo, que a pessoa encarregada de coletar o dinheiro fosse tão escrupulosa que teria sentido que deveria esperar até que a última pessoa do grupo tivesse dado a sua contribuição a fim de repassá-la, enquanto algumas daquelas pessoas que não haviam contribuído ainda poderiam ter problemas pessoais, os quais, de uma forma ou outra, haviam atrasado a entrega do dinheiro. De qualquer forma, parecia haver muitas possíveis razões para o atraso, que eram tão plausíveis quanto sua própria explicação, a qual ele percebia como significando uma tentativa de aniquilá-lo e transformá-lo em uma pessoa supremamente má.

Sua própria reação (fantasiada) a tais propostos ataques, ou seja, sua rejeição do presente e a violenta afirmação de sua própria independência, corresponderia, entre outras coisas, a trazê-lo de volta da não-existência para o existir, o existir como um ser poderoso, e também implicaria a rejeição do sentimento de que sua agressividade seria algo ruim, bem como o exercício de sua agressão sem culpa.

O paciente não teve dificuldade em aceitar a minha interpretação de suas experiências internas e sentiu um alívio imediato. Passou a ver toda a situação com menos importância e sorriu de seus próprios sentimentos a respeito da questão.

Na sessão seguinte, o paciente relatou que, depois de ter deixado o consultório, teve de voltar ao trabalho. Havia se sentido tão aliviado com as minhas interpretações, que o problema que teve de encarar e que, antes da sessão, parecia muito difícil, se tornou, a seu ver, bastante simples e fácil de enfrentar. De fato, encontrara uma solução bastante boa para o problema, que consistia de algumas decisões que deveria tomar com relação a certas pessoas e, então, continuou dizendo que havia refletido sobre o problema e havia decidido que daria vários dias a mais aos seus colegas; depois deste período, se o presente não lhe tivesse sido entregue, definitiva-





Ignacio Matte-Blanco

mente, o rejeitaria. Relatou, ainda, que havia sentido grande relutância em marcar uma sessão comigo e somente após grande esforço havia conseguido forçar-se a vir. Concluiu que, embora fosse evidente que a sessão anterior o havia ajudado muito, de qualquer maneira o problema permanecia sem solução.

Neste ponto, comentei que me parecia que o sentimento de rejeição, e que a importância que este tinha para ele, era muito forte, e somente uma parte do mesmo havia se dissipado na sessão anterior. Mais uma vez sentiu-se confrontado a ser remetido à não-existência. Também sentiu que eu representei um obstáculo para que se defendesse vigorosamente e que, neste sentido, eu estava contribuindo para a sua aniquilação. O paciente estava relutante em vir para a sessão, pois eu paralisaria sua autodefesa e auto-afirmação.

Um novo alívio resultou dessas interpretações. Seguimos, então, considerando vários aspectos da mesma questão, mas o que já relatei é suficiente para o nosso propósito.

Um comentário preliminar sobre os dados acima. Começarei apontando que as minhas interpretações neste caso não contêm nenhuma referência a qualquer um dos processos instintivos que são normalmente mencionados em interpretações, seja oral, anal, edipiano e assim por diante. Nem fazem uso de noções de introjeção e projeção e seus similares, os objetos. Isso pode provocar um sentimento de desconfiança e, por esta razão, gostaria de comentar que minha abstenção em usá-los, neste caso, não se deve a minha crença de que essas noções não se aplicam aqui. De fato, poder-se-ia facilmente demonstrar que a retirada do amor está conectada com a retirada do seio e seu leite, ou com a incapacidade, devida à agressão, de manter o seio como um objeto bom introjetado. Novamente, poder-se-ia demonstrar também que esta rejeição foi sentida como um ataque da castração/ansiedade de castração, consequência da auto-afirmação agressiva do paciente. E o mesmo se poderia dizer de outros caminhos alternativos para interpretar o mesmo material. Estou certo de que a completa versão do que o paciente disse e mostrou durante esta sessão e as conexões discerníveis entre o material das sessões relatadas, encontrado através da análise, forneceriam bases convincentes para várias interpretações acuradas. Todavia, minha percepção é a de que, por mais verdadeiras que essas interpretações possam ser com relação a alguns aspectos do paciente, não houve necessidade, *até este ponto*, de fazê-las. Pois a real questão de interesse era que o paciente sentia como se estivesse em perigo de cair na não-existência. Isso poderia resultar, por exemplo, em ser morto de fome por um seio que não o supria com o leite necessário para sua sobrevivência; ou na perda do seio como um objeto bom introjetado; ou em ser castrado; ou em ser aniquilado por ataques de raiva. O elemento central de todas essas alternativas era

120 □ Revista de Psicanálise, Vol. X, Nº 1, abril 2003





que o objeto, atividade ou evento fantasiados eram sentidos como um conjunto infinito: infinito poder de dar a vida através de seios amamentadores; infinito poder de mantê-lo vivo e organizá-lo psiquicamente no caso do seio introjetado; infinito poder de dar a vida, de sustentação e organização de seu pênis e conseqüente aniquilação na castração; e infinitos poderes destrutivos nos ataques imaginados. De certa forma, ou seja, tanto quanto fossem conjuntos infinitos, todas essas alternativas eram equivalentes e, no inconsciente profundo, idênticas. Assim, fazia-se necessária uma interpretação em termos de conjuntos infinitos, que foi a interpretação dada, embora eu não tenha usado essa expressão. Nada nos impediria de ter elaborado, em sessões subseqüentes e de acordo com o desenvolvimento dos eventos, interpretações pertinentes a uma ou várias proposições anteriormente mencionadas. O imediatamente necessário naquele momento era aliviar a característica de extrema e angustiante urgência e intensidade que tinham seus sentimentos.

Devo acrescentar que, se qualquer uma das várias linhas interpretativas alternativas mencionadas acima houvesse sido seguida durante a sessão, o alívio teria, muito provavelmente, ocorrido. Poder-se-ia questionar como é possível que o mesmo resultado pudesse ser obtido a partir de vários caminhos alternativos. A resposta parece repousar, da forma como vejo, no fato de que a referência ao perigo infinito teria sido feita, mais ou menos implicitamente, em todos os casos em que um efeito terapêutico tivesse sido obtido. O problema está, entretanto, no fato de que uma referência mais ou menos implícita pode trazer o problema para mais ou menos perto do foco de atenção e que, quanto maior a distância, menor o efeito terapêutico. De fato, esses conceitos são implicitamente usados, mas uma completa consciência deles é, acredito, muito mais poderosa e efetiva do ponto de vista terapêutico.

Emoção simétrica e conhecimento assimétrico (consciência). O paciente estava, sem dúvida, preocupado com a questão do presente de casamento, mas não estava conscientemente ciente de *tudo* que essa questão significava para ele. Acentuava a hostilidade e a falta de interesse de seus colegas e o fato de que não desejava permitir que o comportamento negativo deles passasse sem uma reação de sua parte. Quando interpretei, da maneira explicada acima, imediatamente concordou com a minha interpretação como correspondendo exatamente ao seu sentimento e acrescentando que não havia pensado dessa forma antes. Não teve dificuldade em aceitá-la, porque ela se encaixava com o que ele já conhecia e aceitava acerca dos seus sentimentos. De fato, o paciente tinha uma leve noção de que sua reação era, em tais circunstâncias, excessiva. Mas, ao mesmo tempo, quando ele pensava sobre as circunstâncias, logo encontrava motivos que confirmavam sua opinião de que seus colegas mereciam o tapa implícito no que ele planejava fazer.





Somos aqui confrontados por uma situação curiosa, a qual está em claro contraste com aquela obtida no processo de repressão. Enquanto neste último, quando bem sucedido, a pessoa que reprime não está nem um pouco ciente de suas emoções, ou pode mesmo estar ciente de uma emoção na direção oposta (como é o caso da formação reativa), no presente caso, a interpretação provocou apenas um acréscimo no conhecimento que estava já presente, embora somente de uma forma incipiente. Nesse sentido, não houve dificuldade em aceitá-la. Devemos reconhecer, entretanto, que este aumento foi tão grande que o resultado final foi algo inteiramente diferente do conhecimento consciente prévio. Isso se evidencia no fato de que o paciente ficou muito surpreso ao se dar conta de que temia ser aniquilado e que todos os seus passos se dirigiam não na direção de ‘dar-lhes uma lição’, mas de evitar ambos, o aniquilamento e o sentimento de ser extremamente mau. Mesmo que ambos pertençam à mesma categoria geral, pode-se verdadeiramente dizer (a partir de um ponto de vista assimétrico) que um conhecimento completamente novo dos fatos havia tomado o lugar do conhecimento prévio.

Ainda assim, deve ser reconhecido que todos os pensamentos sobre o comportamento de seus colegas e a atitude que ele havia planejado tomar, de uma maneira obscura, implicavam no que foi abertamente dito na interpretação. Essa situação poderia ser descrita dizendo que, por baixo dos pensamentos e sentimentos aparentemente circunscritos, havia uma vaga sugestão de um conjunto infinito. Suas críticas com relação aos outros implicavam em uma recusa em permitir que eles o arremessassem no abismo, e suas fantasias a respeito da tomada de uma ação vigorosa cumpriam a função de evitar seus sentimentos de ser tão mau que os outros não podiam tolerar sua companhia ou estar associados a ele.

É extremamente difícil compreender exatamente o que aconteceu como resultado de meus comentários, por que ele expressou alívio e por que esse alívio, embora bastante óbvio e mutável (tomando emprestada a terminologia de Strachey), foi somente temporário. Parece-me que uma resposta a essas questões em muito clarificaria a natureza da relação entre consciência e o inconsciente e entre os modos de ser assimétrico e simétrico. Deve-se reconhecer, entretanto, que uma resposta completa está ainda por vir. No que segue, tentarei fazer alguns comentários que podem ser interessantes.

A primeira coisa que pode ser estabelecida com certeza é que a noção de que o paciente estava considerando a situação em termos de conjuntos infinitos (angustiantes) havia penetrado sua consciência pela primeira vez, por assim dizer, no que se referia a esta situação em particular. *Deve-se notar que isso não significa que os conjuntos infinitos houvessem penetrado sua consciência.* De fato, a noção de que ele estava lidando, neste caso, com conjuntos infinitos é uma noção bastante circuns-





crita e é inteiramente formulada em termos de algumas relações assimétricas. ‘Você acredita estar em perigo infinito’, ou ‘você sente estar caindo na não-existência’ são proposições que podem ser consideradas como uma justa expressão dessa noção, e é óbvio que relações simétricas não são empregadas nestas proposições. As proposições ‘um perigo infinito acredita estar em você’ e ‘a não-existência sente estar caindo em você’, em contraste, implicam em tratar as duas proposições anteriores como se as relações expressas nelas fossem simétricas. Esse tratamento das relações pode, talvez, aplicar-se ao estado mental do paciente, no qual perigos infinitos e não-existência podem vir a ser, em um nível muito profundo, idênticas a ele mesmo. Assim parece legítimo usar este segundo par de proposições para *descrever o estado mental do paciente*. Todavia deve ser claramente afirmado que *essa descrição não é idêntica ao estado mental em si próprio*, mas é somente uma visão externa do mesmo. Do contrário, o paciente, seu estado mental, os dois pares de proposições, meu uso deles e eu mesmo seríamos uma única e a mesma coisa. Embora isso possa ser realmente verdade num nível profundo, não é certamente *toda a verdade*, porque há também outros níveis, tais como aqueles da minha interpretação do comportamento e sentimentos do paciente. Neste nível uma distinção é feita entre eu mesmo e o paciente e também entre o paciente e o que ele sente no momento. Tudo isso implica no uso de relações assimétricas.

Assim, quando forneci ao paciente as interpretações acima, e ele experimentou um alívio, minha interpretação, em termos de conjuntos infinitos, a qual penetrou sua consciência, não era ela mesma um conjunto infinito. Nenhum conjunto infinito penetrou em seu conhecimento consciente. Seu conhecimento consciente era um conhecimento muito finito da existência de um conjunto infinito no caso em questão e não era uma noção científica, mas uma noção intuitiva deste conjunto¹⁰. Para que um conjunto infinito penetrasse a consciência, seria necessário que cada um dos números infinitos de relações que estão envolvidos em tal conjunto pudessem penetrar e permanecer na consciência junto com todas as outras relações. Tomando o mais simples exemplo de um conjunto infinito, aquele dos números naturais; podemos dizer que este conjunto está na consciência ou penetrou a consciência, apenas se cada um e todos os números, juntamente com as relações que eles estabelecem entre si e com os demais, estivessem na consciência simultaneamente com cada número e suas correspondentes relações. É óbvio que isso é impossível. A consciência humana não pode conter um conjunto infinito.

10. O adjetivo ‘intuitivo’ tem a intenção de comunicar que sua consciência não se expressava, realmente, em termos de conceitos matemáticos explícitos de infinito, mas em termos de uma expressão cotidiana que implicava neste conceito.





Estou ciente de que esta discussão pode parecer extremamente envolvente (alguns diriam obsessiva) para muitos analistas. Espero que ela pareça legítima aos matemáticos e lógicos. Pessoalmente, não encontro outra maneira de abordar este ângulo da questão da relação entre consciência e o inconsciente. Deve-se reconhecer que essa questão tem preocupado analistas desde o início da psicanálise, não tendo sido resolvida, para não dizer devidamente formulada. A antiga fórmula ‘tornar o inconsciente consciente’ foi percebida como insatisfatória e foi substituída por ‘superar as resistências’, a qual, por mais que possa ser verdadeira de acordo com um outro ponto de vista, simplesmente responde a questão movendo a ênfase da relação consciente-inconsciente para a necessidade de uma mudança nessa relação. Tanto é assim que ‘superar as resistências’ nunca, realmente, apagou ou substituiu ‘tornar o inconsciente consciente’, a qual muitos analistas ainda empregam, seguindo Freud, que continuou utilizando-a depois da introdução da segunda fórmula.

Esta questão de tornar o inconsciente consciente ocupou Freud por toda sua vida, e pode-se dizer verdadeiramente que ele nunca foi bem sucedido em resolvê-la. A expressão, freqüentemente mal entendida, de que o inconsciente se torna consciente através da entrada em contato com a apresentação de palavras ou traços mnêmicos de palavras parece apontar para um aspecto muito importante, mas definitivamente não resolve a questão. Podemos tomar novamente este aspecto e expressá-lo em termos lógicos. Podemos dizer que, confrontada pelo conjunto infinito (que é a maneira pela qual o ser simétrico aparece para a consciência, o pensamento assimétrico), a consciência é posta para trabalhar e é bem sucedida em escolher algumas relações assimétricas que são uma tradução ou desdobramento de algumas das potencialidades implícitas no inconsciente ou no modo de ser simétrico. Essas relações podem ser consideradas como sendo as mesmas que Freud chama de representação de palavras ou traços mnêmicos de palavras. Acredito, entretanto, que essa expressão de Freud é equivocada. Primeiro, porque aponta para a questão da memória, a qual, por mais que seja pertinente nesse respeito, não está no centro do problema. Além disso, o âmago desse aspecto da relação entre inconsciente e consciência recai na possibilidade de expressar algumas das potencialidades implícitas do inconsciente, não tanto em termos de palavras, mas, para usar a expressão de Strawson (1952), em termos de afirmações. Embora, quando faz uso da expressão ‘traços mnêmicos de palavras’, Freud, na verdade, esteja se referindo a um significado, a expressão é ambígua porque (como ele mesmo aponta em seu livro sobre afasia) uma palavra é também um som, algo que pode ser visto (palavra escrita), ou um movimento (palavra falada). O que nos interessa neste contexto é o significado, e visto que o mesmo significado (como aponta Strawson) pode ser expresso através de diferentes palavras, a única forma de evitar esta ambigüidade é falar de afirmações. Neste ponto, deve-se ter em mente que os





mais elementares componentes da afirmação são, fundamentalmente, relações.

Retornando à questão de se tornar o inconsciente consciente, em termos do exemplo clínico que estamos estudando, pode-se perguntar: a minha interpretação tornou o inconsciente consciente? Para respondê-la, devemos reformulá-la, como fizemos anteriormente, porque, como vimos, a qualidade do ser inconsciente não é uma característica essencial do ser simétrico. Poderíamos dizer: o ser simétrico, tornando-se assimétrico, pode, então, penetrar a consciência? Uma reflexão prolongada e mais cuidadosa sobre essa questão leva, na minha opinião, a uma resposta mais enfática: *o ser simétrico jamais poderá, por si mesmo, tornar-se assimétrico e, assim sendo, jamais penetrará a consciência humana. Em outras palavras, o inconsciente jamais pode tornar-se consciente. O que podemos fazer, por outro lado, é nos tornarmos (assimetricamente) conscientes (cientes) de alguns aspectos do ser simétrico.* Da mesma forma que não podemos tornar nosso fígado consciente, mas somente nos tornar conscientes do nosso fígado.

8. O quantum intelecto-emoção

A interpretação sobre o medo de cair na não-existência, portanto, tornou *o paciente* consciente da presença, em si mesmo, de um conjunto infinito (uma emoção), mas não tornou esse conjunto infinito (emoção) consciente. Duas questões emergem neste ponto: por que o paciente experimentou um alívio, e o que aconteceu com a emoção em questão? Quando se começa a considerar todos os aspectos deste problema, é inevitável que se perceba sua extrema complexidade. A resposta para a primeira questão parece recair sobre o fato de que o paciente se deu conta de que tal perigo não existia e que sua existência não estava de forma alguma ameaçada. Ele também parece ter se dado conta de que o comportamento de seus colegas não significava que eles o estivessem vendo como uma pessoa extremamente má. Este fato produziu um imediato, embora temporário, desaparecimento, assim como uma considerável atenuação das emoções em jogo. É como se aquelas manifestações dessas emoções expressas na consciência, em termos das reflexões do paciente sobre a questão do presente de casamento, tivessem repentinamente se dissipado. Essa situação pode ser comparada àquela em que um balão é perfurado e imediatamente se esvazia. Obviamente, houve, neste caso, um processo de descarga ou alívio de um estado emocional. Este fato é bastante bem conhecido em psicanálise e foi discutido sob vários pontos de vista por muitos autores. Não tenho a intenção de revisar estas contribuições aqui, já que a minha intenção é estudar a questão sob o ponto de vista da relação entre os modos simétrico e assimétrico, ou seja, entre os conjuntos infinitos e a cons-





ciência finita. Nem me proponho a lidar aqui com a questão da transferência, a qual é irrelevante para o nosso propósito, no sentido de que a confrontação entre os dois modos de ser pode ser estudada, se assim desejado, na transferência, mas mesmo nesse caso deve ser estudada sob a luz da natureza íntima do significado da relação entre infinito e finito.

Retornando uma vez mais ao nosso paciente, podemos dizer que o alívio se deveu, neste caso, ao fato de que a emoção estava toda ‘concentrada’ no que poderíamos chamar ‘a situação do presente de casamento’. Por mais absurdo que possa parecer, um conjunto infinito estava em jogo nessa situação. Este é o caso de um conjunto infinito intensificado. Sua manifestação visível era algo que havia penetrado a consciência. É como se essa situação relativamente insignificante, sob um ponto de vista objetivo, fosse o emissário enviado à consciência por esse conjunto infinito. Embora como um emissário ela não tivesse o poder do conjunto, constituía um lembrete de seu poder, da mesma forma que um embaixador de um país poderoso é, ele mesmo, relativamente impotente, mas é o indicativo externo do poder por trás dele. A interpretação resultou em uma perda momentânea por parte desse embaixador de todo o seu poder ameaçador e trouxe, assim, alívio para a consciência. Foi como se o embaixador tivesse, repentinamente, se tornado um cidadão comum e não houvesse mais a ameaça de um grande poder. Todavia o alívio extinguiu-se logo, pois a emoção se fez novamente presente.

A situação descrita aqui é essencialmente a mesma descrita por vários autores. Strachey (1969, p.283) enfatiza o fato de que as mudanças ocorridas em psicanálise “(...) são o resultado do resumo de um imenso número de pequenos passos” e acrescenta que “(...) cada interpretação envolve a descarga de certa quantidade de energia-id”. Esta formulação, que envolve a utilização da noção de energia, pode ser analisada a partir de outro ângulo, ou seja, aquele da relação entre emoção e consciência. O fato de que o paciente referido acima tenha experimentado um alívio pode ser visto, de um ponto de vista de uma versão ligeiramente diferente da descrição de Strachey, como o desaparecimento ou dissolução de um medo que estava expresso ‘na situação do presente de casamento’. Aqui existe uma união significativa entre significado assimétrico e sentimento simétrico. O sentimento não penetrou a consciência em sua totalidade, nem foi exaurido pela interpretação, embora algum processo de descarga tenha acontecido em uma pequena quantidade. Há uma união misteriosa entre o concreto, o significado explícito de uma emoção, e as infinitas possibilidades de significado dessa mesma emoção, que estão implicitamente expressas no significado concreto. Proponho chamar este fenômeno pelo nome de ‘quantum intelecto-emoção’, para enfatizar o fato da união entre o infinito e o finito que se encontram por um instante na consciência, a despeito de que o infinito permanece





fora da consciência: é como se eles se encontrassem no limite entre a consciência e o inconsciente. É como o derrame de um conjunto infinito dentro de um grupo limitado de relações: um 'quantum'. É uma questão de um conjunto infinito intensificado.

É preciso que a noção de 'quantum intelecto-emoção' seja claramente reconhecida como implicando na descarga de energia psíquica e, neste sentido, como similar ao conceito de Strachey da liberação de certa quantidade de energia-id, embora algumas delimitações sejam necessárias a fim de identificar os pontos nos quais ambas as noções coincidem e nos quais diferem. Todavia, além do aspecto puramente quantitativo, o conceito expresso aqui refere-se a duas outras noções que não estão claras na apresentação de Strachey: primeiro, a do intelecto, que aponta para o papel do conhecimento e para a forma através da qual essa noção funciona no processo de melhora; isso carrega uma relação com a noção de fazer o inconsciente consciente, mas está longe de ser idêntico a este conceito, o qual, se entendido como na Seção 8, desempenha um importante papel na cura, sem representar o único elemento para a mesma. A segunda noção é a da emoção, que traz consigo, de acordo com o ângulo pelo qual se analisa, dois conceitos adicionais: aquele dos conjuntos infinitos e aquele do relacionamento com outras pessoas. Sabemos que, para o ser simétrico, não existe distinção entre o eu e o não-eu.

Acredito que, se o conceito de 'quantum intelecto-emoção' fosse adotado, teríamos um limite mais exato de referência para lidar com a questão da natureza das mudanças ocorridas durante a análise. O estudo dessa questão está cheio de promessas para um entendimento mais profundo da relação entre consciência e o inconsciente.

9. Potencialidades da função tradutora e o significado das relações interpessoais

Tentei dar algumas características da relação entre o ser simétrico e assimétrico. Tentarei, agora, fazer um resumo e uma retomada. A função tradutora consiste na expressão do ser simétrico em relações assimétricas. *Se todas as potencialidades do ser simétrico fossem expressas, seria necessário encontrar um número infinito de relações assimétricas. Mas o estranho disso é que, em cada uma dessas relações, o conjunto infinito ainda estaria presente no que concerne à experiência do paciente. É como se, no homem, os conjuntos finito e infinito jamais pudessem estar separados.* O fato de o homem ser *também* seus semelhantes é uma consequência disso. Entre psicanalistas, está em voga falar de relações objetais, assim como o senso de comunidade é uma preocupação de todos os modernos desenvolvimentos sócio-polí-





ticos. As idéias que estou buscando desenvolver aqui originam-se, diretamente, da descrição de Freud das características do sistema inconsciente, expressas em termos lógico-matemáticos; partindo da idéia de que, em um nível profundo, o homem não tem relações com os seus semelhantes, mas *é* seus semelhantes. Acredito que esta consideração possa colocar a assim chamada teoria das relações objetais, de forma que esta não precise estar necessariamente em oposição à instintiva e aos assim chamados aspectos estruturais da mente humana. Renunciar ao estudo do homem em termos de sua constituição interna (instinto, conflito, etc.), considerando apenas sua relação com outros, é tão insatisfatório quanto estudar somente a primeira negligenciando a última. O aspecto do inconsciente recentemente considerado pode fornecer a base para uma síntese das duas abordagens.

Se emoção é um conjunto infinito, *a função tradutora é, potencialmente, necessariamente infinita*. De fato, é somente uma pequena parte da função tradutora que tem lugar. E assim são as possibilidades teóricas da arte. Note-se, novamente, que, quando descrevemos emoção como um conjunto infinito, este é uma caminho assimétrico de descrever algo que é, em si mesmo, estranho à assimetria: é um processo de tradução.

Possibilidade de medir a emoção como um conjunto infinito. No sentido de traduzir ou desdobrar uma emoção em um conjunto infinito, podemos aplicar a abordagem da questão da medida, a qual estudamos na Parte V.

10. “Onde existia id, deve ser colocado ego” (Freud, 1933, p. 80)

Se o ego não é uma província ou região, mas uma função do eu, é difícil ver como esta frase possa ser verdadeira, se tomada literalmente. Por outro lado, pareceria, como discutimos, que o ser simétrico jamais poderia tornar-se assimétrico. Se colocamos isso em termos de id, diríamos que o id nunca poderia diminuir em tamanho: ele é sempre infinito e não pode ser substituído pelo ego.

Ainda assim, como vejo, Freud expressa uma certa verdade na frase anteriormente citada. Como podemos reconciliar essas considerações aparentemente divergentes? Acredito que a função tradutora, que evoca relações assimétrica a partir do inconsciente e que as evoca sem limitações, fornece uma inexaurível fonte de enriquecimento da assimetria e, portanto, do ego. A história pessoal de um homem em processo de desenvolvimento e a história da humanidade são uma testemunha disso. Assim, o enriquecimento da assimetria, tanto pessoal quanto cultural, acontece todo o tempo. Mas isso não reduz o tamanho de sua fonte, não apenas por esta ser infinita,





mas em razão do fato de que a tradução do ser simétrico em termos assimétrico não *retira* nada do ser simétrico, somente aumenta a quantidade total de assimetria. De uma maneira similar, o fato de um objeto ser refletido em um espelho, ou em um milhão de espelhos, não diminui o tamanho do objeto.

A atividade matemática é um exemplo típico de desdobramento ou função tradutora. É bastante claro que a criação matemática se origina do inconsciente (veja-se Hadamard, 1945) no sentido recém-explicado. No que aparece como sendo, à primeira vista, um todo bastante homogêneo, o pensamento matemático descobre aspectos progressivamente complexos. Para mencionar um exemplo, o conceito de número pareceu, à primeira vista, razoavelmente simples. Quando alguns paradoxos foram encontrados, fez-se necessário redefini-lo como ‘uma coleção de coleções de coleções’. Em outro exemplo: o espaço euclidiano pareceu, por um longo período, ser o único espaço possível. Agora existem vários outros. Para dar ainda mais um exemplo, a lógica bivalente parecia ser a única base possível para a lógica. Agora temos a lógica de valores múltiplos e assim por diante.

A psicanálise está fazendo, com relação ao ser psíquico *real* que é o homem, o que a matemática fez com seu objeto, que é o ser psíquico *ideal*: está descobrindo cada vez mais complexidades e sutilezas progressivas. Esta é uma função tradutora: é ‘arrancar’ dos infinitos simétricos muitas das relações assimétricas potencialmente implícitas neles. Mas este é um tipo particular de extração, pois a fonte permanece distante da assimetria e intocada por ela. A função tradutora é, paradoxalmente suficiente, como uma imagem espelhada de algo que, em si próprio, não tem forma ou estrutura, como temos repetidamente visto no decorrer deste livro, mas que potencialmente sugere um número infinito de formas e estruturas: é a criação de um número (potencialmente) infinito de imagens de algo que por si mesmo é incapaz de ser refletido. É uma tradução no espaço-tempo de algo que está por si mesmo fora do espaço-tempo. Quando Freud fala de “trabalho de recuperação, como a drenagem de Zuider Zee”, e também na frase que dá título a esta seção, se tomadas literalmente, suas palavras parecem inexatas e não parecem representar a situação real, mas, ao mesmo tempo, expressam algo da relação particular existente entre simetria e assimetria, uma vez que esta última aumenta, sugando da primeira, mesmo sem tocá-la.

Se as coisas fossem consideradas em detalhe em termos de espaços de dimensões infinitas, talvez mais deste mistério pudesse ser desvendado. Ainda assim, é possível que o paradoxo da mesma cardinalidade do todo e da parte sempre permaneça. Considerando esse paradoxo no presente caso, podemos dizer que, mesmo que tirássemos uma parte do todo, o todo permaneceria infinito. É interessante refletir sobre o fato de que, da mesma forma que a matemática é útil para o entendimento da mente, chegará o dia em que analistas matematicamente treinados descobrirão rela-





ções na mente que terão de ser expressas através de conceitos matemáticos novos e ainda não existentes, conceitos matemáticos que terão de ser desenvolvidos *ad hoc*: a psicanálise será, então, uma fonte de desenvolvimentos matemáticos.

11. Os respectivos papéis da suspensão da repressão e da função tradutora. Os dois tipos de barreiras

A consideração da função tradutora faz com que se perceba que, provavelmente, a maior parte do trabalho analítico contemporâneo lida com essa função muito mais do que com a suspensão da repressão. Em outras palavras, ‘o tornar consciente’ parece ser mais freqüentemente alcançado com o auxílio da função tradutora do que através da suspensão da repressão. Isso é inevitável, pois, afinal, a repressão é somente uma pequena porção do inconsciente, que é uma coleção de conjuntos infinitos. Na prática real, freqüentemente temos que trabalhar simultaneamente com a suspensão da repressão e a tradução.

Neste ponto, há uma interessante consideração a ser feita. Como anteriormente observado na Parte III, em seu *Esboço*, Freud conferiu importância à noção de ‘barreira’ para a constituição das estruturas mentais e para os funcionamentos da mente. Agora parece haver dois tipos de barreiras consideravelmente diferentes. A barreira da repressão é, sem dúvida, a mais conhecida. A repressão mantém os conteúdos mentais fora da consciência e é por essa razão que pode ser comparada a uma barreira. Se, por outro lado, considerarmos que as várias categorias no inconsciente, dentro de cada uma das quais a simetria governa, são distinguidas umas das outras por relações assimétricas, podemos, então, comparar as relações assimétricas definindo uma dada categoria como um tipo de bolsa que mantém a categoria junta. Nesse sentido, relações assimétricas são barreiras.

Agora que estudamos a função tradutora, podemos nos dar conta mais completamente de que as relações assimétricas cumprem uma função inteiramente diferente daquela da barreira da repressão. Se lembrarmos que, confrontado pelo conjunto infinito, o intelecto está engajado em um trabalho perpétuo de ‘extração’ das relações assimétricas – ou, alternativamente, o ser simétrico está perpetuamente sendo ‘derramado’ para dentro das relações assimétricas – podemos, então, considerar as barreiras das relações assimétricas como muitas bolsas que carregam o ser simétrico da sua natureza inconsciente profunda para um tipo de representação na consciência (a superfície). Relações assimétricas seriam, então, algo que empurra o inconsciente em direção ao consciente, em um processo infinito. Atuariam em um caminho exatamente oposto ao da repressão.





Resumindo, a repressão é uma barreira que impede, e as relações assimétricas são barreiras que (como as paredes de um recipiente) facilitam o acesso ao inconsciente, o carregar dos conteúdos do inconsciente para a consciência. Por outro lado, tanto a suspensão da repressão quanto a função tradutora (que aumenta a quantidade de relações assimétricas) facilitam o acesso à consciência. Visto sob este ângulo, pode-se dizer que a emoção oferece ao intelecto possibilidades ilimitadas de desenvolvimento. Por esta razão, se vista de dentro, a emoção não é pensamento, pois não é uma atividade proposicional-relacional: *mas a emoção é a mãe do pensamento*. □

Tradução de **Janisa Antoniazzi**

Revisão técnica de **Viviane Mondrzak, Tula Brum e Luisa Rizzo Amaral**

© Luciana Bon de Matte

